

E MAIS...

- 2 **EDITORIAL**
Desejos
- 3 **POLÔNIA**
O berço de Israel
DAVID SOMBERG
- 4 **ISRAEL**
A evolução dos kibutzim
NAHUM MANDEL
- 8 **BECO DA MÃE**
Quem ele pensa que é?
HENRIQUE VELTMAN
- 9 **ISRAEL**
O mais pernicioso
GUIDEON LEVY,
Haaretz
- 10 **CARTAS**
- 11 **NOTAS**

O fim do mundo

Uma história de Martins Bruzugu na Amazônia Judaica, contada por Elias Salgado

Páginas 6 e 7



Álbum de família

Na foto menor, aeroporto de Boca do Acre, final dos anos 1970: Wilma (a Vidinha), Eliezer e Samuel – mãe, irmão e sobrinho de Elias



Porto de Boca do Acre



DIA 19 DE SETEMBRO, DOMINGO, ÀS 18 HORAS, NO AUDITÓRIO

Schnorr
ONCE YUCH

Cabaré Canja Only Yuch

Performance inspirada nos cabarés dos anos 30, tendo como tema a milenar canja judaica, o Yuch ou Yoich.

Participam o oboísta **Leo Fuks**, o ator **Sérgio Stern** e o violonista **Eduardo Camenietzki**. Eles prepararão durante o espetáculo, o Yuch, que depois será servido para a plateia.

10 reais (sócios da ASA quites com as trimestralidades) 15 reais (não sócios)

EDITORIAL

Desejos

Aproximam-se os Iamim Noraim (Dias Temíveis), período entre Rosh Hashaná e Iom Quipur. Tal como em outras culturas, no judaísmo ritualiza-se a passagem do tempo, imaginando a possibilidade de um reinício, de um Ano Novo. De certa forma, são rituais que tentam “rechaçar” a presença temida e inexorável da Morte. Não apenas a extinção da Vida, mas as várias perdas, pequenas mortes, que vamos sofrendo ao longo da existência. Como sentiu o poeta Mário Quintana: “Da primeira vez que me assassinaram, perdi um jeito de sorrir que eu tinha. Depois, a cada vez que me mataram, foram levando qualquer coisa minha.”

Rosh Hashaná e Iom Quipur são dias solenes. Mesmo judeus não praticantes costumam dar um pulinho na sinagoga, nem que seja para fazer apenas “uma social” ou ouvir o toque do shofar. Tempo e Morte têm apelos tão poderosos que muita gente, religiosa ou não, prefere não desafiar o imponderável, comparecendo ao encontro anual para o balanço dos méritos e culpas que desaguarão no Julgamento que preside o grande jejum.

A verdadeira identidade das pessoas são as lembranças, disse o escritor argentino Tomas Eloy Martinez. O Iom Quipur começa com a memória da intolerância. O Col Nidrei (todas as promessas, em aramaico), com belíssima melodia, lembra épocas em que os judeus eram forçados, em nome da fé, a fazer o que não queriam, sob ameaça de tortura, morte ou exílio. Como extrair esperança de onde só há sofrimento? Boa pergunta para os que se importam com os Dias Temíveis.

Para nós, judeus seculares, desejar que o ano novo seja bom é simpático, mas insuficiente. Ele só o será como fruto de construção individual e coletiva. Novidade será lutar pela abolição da pena de morte, e não só da pena por apedrejamento. Fuzilar, guilhotinar, enforcar, decapitar, eletrocutar ou envenenar não são métodos menos cruéis. Estimulante será conquistar a paz interior para que, como disse o poeta Manoel de Barros, cada um possa ser outros. Essencial será bloquear a destruição do planeta, o que não se restringe à preservação ambiental, mas inclui a garantia de existência digna para todos os homens, num mundo sem guerras e livre da exploração classista.

Vamos construir o Novo em 5771.

A Gut Ior / Shaná Tová / Anyada Buena. ■

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22.260-001
Tel: (21) 2535-1808 Telefax: (21) 2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter z'l e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretores Jacques Gruman, Clara Goldfarb,
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Fany Sechter Ruah, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Grafitto

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



Estes dançam



Regente Claudia Alvarenga

Estes cantam

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30
CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -
Quinzenalmente, terças, às 15h30
CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h
AULAS DE ÍDISH - Toda quinta, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

O berço de Israel

David Somberg / Especial para ASA

Desembarquei em Katowice numa madrugada de janeiro. Fazia um friozinho bom, de uns -10°. A minha expectativa sobre a cidade, como a da maioria dos turistas que chegam à capital da Silésia, era encontrar um meio mais barato de desembarcar em Cracóvia. Mas a cidade, com fama de interessante apenas para negócios, possui atrativos que eu desconhecia e que me fizeram querer passar lá mais do que as parcas 30 e poucas horas em que ali estive.

Katowice tem pouco mais de 300 mil habitantes, mas com um entorno de mais de 2 milhões de pessoas. Já foi *Katowice*, *Stalinogrod*, *Katovice*, *Kattowitz* nas muitas idas e vindas de fronteiras da Europa Central ao longo dos séculos 19 e 20. No século 1º, a Silésia era habitada por um conjunto de tribos provavelmente de origem vândala denominado Lúgii, Lígios ou Lúgios. As notícias de assentamentos de tribos eslavas que provavelmente ocupavam a região da atual Alta Silésia remontam ao século 7º. Durante os séculos 9º e 10º, a região fez parte dos domínios morávios e depois boêmios, e por volta do ano 990 foi incorporada ao então reino da Polônia. Após a invasão e retirada mongol em 1241, os governantes da Silésia decidiram reconstruir as vilas e cidades arrasadas, com base no código legal germânico e não no sistema tradicional polonês existente até então. Também repovoaram a região trazendo alemães do Sacro Império Romano-Germânico para viverem na área. Alguns historiadores datam aí os fatos que desembocaram nas modernas tensões interétnicas presentes na região até a Segunda Guerra Mundial. Alternando períodos de autonomia com de domínio prussiano, boêmio, polonês, a região recebeu seus prováveis primeiros judeus no início do século 18. Por conta de um édito do governo prussiano de 1812 que autorizou judeus a comprar terras e explorar negócios,



Prédio que sediou a conferência dos Hovevei Tzion, em 1884

a cidade de Katowice contava, em 1860, com 624 judeus, o que significava 7,2 % da população. Esta proporção se manteve estável até pouco antes da Segunda Guerra. Em 1937, os 9036 judeus de Katowice representavam 6,8% da população.

Mas, apesar de estar longe de outras cidades polonesas em relação ao número de judeus, a posição da cidade, entre a Polônia, a Alemanha, a Áustria e a Tchecoslováquia, e seu caráter multiétnico talvez tenham determinado sua escolha para a realização do evento ocorrido em 1884 que dá título a este artigo. Entre os dias 5 e 11 de novembro de 1884, ocorreu em Kattowitz, então parte da Alemanha, a primeira conferência dos Hovevei Tzion, que elegeu o rabino Samuel Mohilever e o médico russo Yehuda Leib Pinsker presidentes. Pinsker, um ex-assimilacionista, publicou em 1882 o livro *Autoemancipação*. Após a onda de pogroms na Rússia tsarista dos anos 1870, o doutor Pinsker deixara de acreditar em uma solução “iluminista”, passando a advogar a tese de que, na ori-

gem do antisemitismo, estava a noção de que os judeus eram “estrangeiros” e de que a solução estaria em aceitar a ideia de uma “nacionalidade” judaica e buscar a fundação de um “país judeu” para onde os judeus europeus deveriam migrar. Os Hovevei Tzion (aqueles que amam Sion) reuniam diversos grupos em países europeus e nos Estados Unidos que buscavam convencer o barão de Rothschild e outros da necessidade de financiarem o assentamento de colônias agrícolas judias na Palestina, território então pertencente ao Império Otomano. De fato, a primeira colônia agrícola assentada lá foi a Rishon LeTzion, em 1882, criada por iniciativa dos Hovevei Tzion. Após a fundação da Organização Sionista Mundial, no primeiro Congresso Sionista, em 1897, a maior parte dos grupos Hovevei Tzion se fundiu a esta entidade. Hoje, os Hovevei Tzion são descritos por algumas

fontes como “protossionistas” e, por conta de seu congresso de 1884, a moderna cidade de Katowice se autodeclara, em panfletos turísticos, “o Berço de Israel”.

Com o fim da guerra, Katowice se tornou a segunda maior população de judeus da Polônia, com cerca de 21 mil pessoas, mas após a perseguição de março de 1968, a grande maioria deixou a cidade e o país.

Hoje, restam poucas centenas, mas há uma atividade crescente em torno da herança judaica da região. Em meados dos anos 2000, foi criada em Katowice a Fundação Or Chaim, que reúne autoridades religiosas judaicas, católicas e luteranas, com apoio das autoridades municipais. A fundação está restaurando o cemitério e mapeando prédios de valor histórico, e planeja a construção de um Museu dos Judeus de Katowice, uma livraria e a reconstrução da sinagoga destruída pelos nazistas em 1939. ■

David Somberg, médico, é diretor da ASA e colaborador deste boletim

A evolução dos kibutzim

Nahum Mandel / Especial para ASA

O movimento kibutziano está comemorando cem anos de existência! Ninguém compara uma pessoa de cem anos com o bebê (ou o feto) que era quando nasceu... Não entendo como pessoas sensatas e racionais se admiram de que o kibutz de hoje seja diferente do que era há cem, 50, dez anos atrás! Esse pensamento é um disparate: até rochedos mudam com o tempo, devido à erosão, por exemplo. O kibutz é um organismo vivo, orgânico, que nasceu, cresceu e se desenvolveu. Lamento desiludir os que pensam que está para morrer – está vivinho da silva! Como disse nosso Lavoisier antes de perder

a cabeça na guilhotina: “Na natureza nada se cria, nada se perde, **tudo se transforma**”, inclusive o kibutz.

Em minha última visita ao Brasil, me encontrei com muitos *ex-kibutznikim* que me interrogaram com avidez nostálgica: “O que está acontecendo nos kibutzim? Já não são o que eram...” Pois é naturalíssimo!!! O que eles esperavam? Que o kibutz das décadas de 1950-60 fosse embalsamado como múmia e depositado em museus?

Uma pequena observação: imagino que a maioria de meus interlocutores, quando jovens, teve contato com o marxismo e deve recordar-se de que a superestrutura é função da infraestrutura e, quando esta muda, ela (a ideologia, a cultura etc.) também muda. O kibutz não é uma exceção.

Não pretendo historiar o que se passou nos kibutzim durante o último



Shoshana e Nahum Mandel vivem no Gaash desde 1951: "Ainda conseguimos, eu e minha cara-metade, economizar para sair de férias anualmente."

século. Necessitaria escrever um livro enorme... Realmente comecei (em hebraico) a relatar o que lembro de minha experiência pessoal durante mais de 60 anos. Completei 50 capítulos (até a atualidade), mas não creio que o livro já esteja em condições de ser divulgado. Necessita ser lapidado, e até muito.

Em todo caso, para não me esquivar do tema, relatarei uma pequena lista das transformações mais importantes, ao meu ver:

1 – No começo, somente solteiras e solteiros eram aceitos no kibutz. Quando o kibutz se estabeleceu melhor, em especial economicamente, surgiram as primeiras famílias, e depois vieram crianças. Tudo natural.

2 – No princípio, as roupas dos *haverim*, depois de lavadas, eram arrumadas no depósito (“comuna”) – quem precisava de alguma veste, ia escolher. A par-

Álbum de família

particularização das roupas, numerando-as, foi uma verdadeira revolução conceitual-ideológica.

3 – A introdução da chaleira elétrica particular no quarto dos *haverim* (cada residência tinha então um único quarto, sem quitinete nem banheiro) abalou os alicerces ideológicos do kibutz e causou maior fenda que a queda dos muros de Berlim. Depois dela, as residências dos *haverim* foram invadidas por um dilúvio de aparelhos eletrônicos: rádio, televisão com tela a partir de 42”, computador, condicionador de ar, geladeira, frigideiras, fogão elétrico e de micro-ondas, lava-louças, aspirador de pó, e desculpem ter esquecido muitos

outros. Devo observar que a autorização do uso de chaleira particular requereu a convocação de um congresso nacional dos kibutzim em Israel.

4 – A construção de banheiros nas moradias dos *haverim* e o consequente fim dos banheiros coletivos foi um terremoto ideológico no kibutz. Os banheiros de zinco tinham suas vantagens.

5 – O pernoite das crianças na casa dos pais provocou antes de mais nada uma crise econômica devido à premente necessidade de acrescentar dezenas e centenas de quartos às residências dos pais.

6 – A decisão de que cada membro do kibutz passe a se responsabilizar pelo seu sustento faz com que no nosso kibutz, por exemplo, metade dos que trabalham sejam assalariados fora dele.

7 – Finalmente, a particularização das verbas dos *haverim* (as propriedades

Fotos Nahum Mandel



"Hoje, o nosso kibutz é um verdadeiro estacionamento de carros."

coletivas continuam coletivas) revolucionou a estrutura organizacional do kibutz. Quase todas as comissões desapareceram. Os membros não dependem mais de comissões, cada um resolve por si o que fazer com o que possui. Na minha humilde opinião, esta é a transformação mais importante que aconteceu!! Finalmente, o kibutz se tornou uma **sociedade coletiva democrática**, de membros independentes e livres, donos de seus destinos!

8 – Se me perguntassem qual, na minha opinião, é a mudança mais impressionante que ocorreu no kibutz, eu diria: a **paisagem**. Até uns poucos anos atrás, o orgulho do kibutz era a sua vegetação (árvores, arbustos e, principalmente, o seu enorme gramado). Hoje, nosso kibutz é um verdadeiro estacionamento de carros – uns 150 carros particulares de *haverim* + uns 50 carros do kibutz + carros de visitantes. Além destes, há estacionamento para uns 200 carros de pais de fora do kibutz, que diariamente trazem filhos (desde um ano de idade

até o fim do sexto ano primário) para estudar nas nossas escolas. Ao lado de nossas Águas Termais, há estacionamento para ônibus e carros que trazem de mil a 1500 clientes por dia!

Sei da enorme curiosidade que desperta a pergunta se o kibutz ainda é kibutz! Acalmem-se: **é!** Mais do que nunca.

Na verdade, não se pode mais inquirir sobre “kibutz”, e sim sobre “os kibutzim”, pois não existem dois kibutzim idênticos. Cada kibutz tem sua própria “personalidade”, sua organização interna e seus estatutos, que devem ser aceitos e registrados na autoridade estadual controladora das organizações coletivas e cooperativas de Israel.

São perto de 300 kibutzim. Querendo referir-se a kibutz, deve-se definir antes “qual”, para não falar bobagem. O que é relevante para o nosso kibutz não o é para os nossos kibutzim vizinhos.

Pessoalmente, sou feliz no meu kibutz. Ele é bonito, acolhedor, a relação entre os membros é amigável e correta.

Há pouco adicionaram 20 metros quadrados em minha residência. A verba que recebo como aposentado (com 83 anos de idade, por enquanto...) é mais do que suficiente para minhas necessidades e o financiamento de meus hobbies (maluquices) – câmaras fotográficas e computador. Ainda conseguimos, eu e minha cara-metade, economizar para sair anualmente de férias. De dois em dois anos damos um pulinho ao estrangeiro: no ano passado, estivemos no Brasil, e nosso próximo objetivo é algum país europeu, se estivermos em condições físicas... Sempre almejei visitar a China, mas quando tinha as forças, não tinha recursos – agora que tenho recursos, não tenho forças. *C'est la vie!*

Por favor, não considere este um artigo de propaganda. Ninguém me pagou para escrevê-lo. ■

Nahum Mandel (<http://www.gaash.co.il/~nahummandel>) é membro do kibutz Gaash (entre Tel Aviv e Natania), onde vive desde 1951.

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária
Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional
Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria
Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

Mauro Acelrad - Psiquiatria Clínica
Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852
E-mail: acsel@globo.com

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Buffet próprio
Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

O fim do mundo

Elias Salgado / Especial para ASA

Não é raro se ouvir que o povo judeu é um dos mais intrigantes e singulares povos da História – por sua longevidade, as características ímpares de sua configuração cultural, religiosa, nacional e geográfica, as adversidades que lhe foram impostas.

Concordo. Com alguns dados históricos e narrando um dos inúmeros casos vividos por minha família, os Elmaleh/Salgado, farei um breve e parcial relato da saga dos judeus marroquinos da Amazônia.

Minha família chegou à Amazônia no que a historiografia registra como a primeira onda imigratória de judeus para aquela região, iniciada em torno do ano de 1810 – cerca de mil famílias, em sua quase totalidade oriundas do Marrocos, de lá escapando da fome, da miséria, das epidemias e das perseguições sofridas nos *melahs*, bairros judeus nos quais estavam confinadas.

Além disso, alguns fatores de atração foram decisivos para a escolha do momento e do destino de tal imigração: a abertura dos portos às nações amigas (1808), os tratados de comércio e navegação e de aliança e amizade entre Portugal e Inglaterra (1810) e a consequente liberalização dos cultos não católicos.

Muito contribuíram, também, a criação de escolas da Aliança Israelita Universal no Marrocos, que gabaritava jovens judeus adolescentes com cursos profissionalizantes e uma visão de modernidade, e o início do Ciclo da Borracha, o que os motivou a partir em busca de fortuna e um destino mais promissor.

Passados 200 anos, o legado deixado por aqueles pioneiros é vasto: uma comunidade em Belém com cerca de 400 famílias, em Manaus com cerca de 250, Rondônia e Macapá e outras localidades do interior somando mais algumas dezenas. Para o sudeste (Rio e São Paulo)

migraram outras dezenas, e em Israel já são mais de 300 descendentes. Há também o caso peculiar dos chamados “hebraicos da Amazônia”, na verdade descendentes de relacionamentos inter-étnicos daqueles imigrantes, que alguns pesquisadores dizem totalizar mais de 50 mil pessoas, havendo quem afirme que podem chegar a mais de 250 mil!

Se são mil famílias, certamente serão dezenas de milhares de histórias, casos e experiências no seu encontro com o Outro. Minha mãe consegue lembrar-

Bruzugu desaparecia mata adentro até que o morto estivesse bem morto.

se com riqueza de detalhes de fatos ocorridos em sua mocidade, há mais de 60 anos. Ela é uma verdadeira mina de ouro para a minha escrita, e eu me transformei em seu ghostwriter. Boca do Acre, onde nasci, é minha Macondo, e espero conseguir eternizá-la com um mínimo do requinte literário do maravilhoso García Marquez. Ousadia? Mas li em algum lugar que é preciso pensar grande... Da série que eu denomino “As histórias da Vidinha”, selecionei a que segue.

Martins era uma daquelas figuras incomuns da fauna de personagens que habitavam a pequena Boca do Acre. Funcionário público, trabalhava como tratorista. Mas o que o tornava uma figura singular era o seu incurável temor por almas, espíritos e coisas ditas sobrenaturais; e outras até naturais, como a morte. Quando alguém morria na cidade, podia até ser muito querido ou da família, Martins Bruzugu jamais ia a velórios ou enterros. Acometido de enorme temor, desaparecia mata adentro rumo aos seringais e ali permanecia, por vários dias, completamente isolado,

até que o morto estivesse bem morto e enterrado muitos e muitos palmos abaixo da terra; e sua alma bem distante de Boca do Acre e deste mundo.

Quando o caboclo Martins Bruzugu e sua mulher, a franzina Tereza, se mudaram para Rio Branco, Boca do Acre ficou tristemente saudosa. Porém, mamãe e papai, que sempre que podiam ou necessitavam subiam o rio Acre no Estrela rumo a Rio Branco, tinham a sorte de poder rever, nessas oportunidades, o velho amigo Martins e se hospedar em sua nova casa.

Numa dessas inúmeras viagens, a estadia não seria como as outras... Eram os idos de 1960, e corria solta, ao menos naquela parte do planeta, a notícia de que o mundo em breve iria acabar... Primeiro haveria uma escuridão total e, em seguida, o fim de tudo!

Ansiosos por chegar a Rio Branco, papai e mamãe faziam planos de belos passeios e boas compras e imaginavam como seria agradável e divertido rever o velho amigo Martins Bruzugu.

E assim, dois dias rio acima, finalmente o Estrela atracou no cais de Rio Branco. Papai e mamãe seguiram direto para a casa de seus amigos. Tereza, no jardim, recebeu-os com seu doce sorriso:

– Oi gente! Vamos entrando. Fizeram boa viagem?

– Maravilhosa! Mas é sempre bom chegar. E vocês, como têm passado?

– Bem, Vidinha.

– Cadê o velho Bruzugu, aquele caboclo danado?

– Ele tá fora, seu David. Foi à cidade fazer umas compras.

E o doce sorriso de boas vindas deu lugar a uma expressão de tensão. Mamãe, que conhecia aquela expressão de longa data, perguntou:

– Está acontecendo alguma coisa, Tereza? Eu conheço essa tua cara.

– Pois é... É essa história maluca de

fim do mundo. Venham, vou lhes mostrar uma coisa.

E os levou à despensa, nos fundos da casa. Quando abriu a porta, papai e mamãe puderam ver dezenas, quiçá centenas de caixas de velas.

– Puxa! O caboclo Martins tá comerciando com velas agora?

– Antes fosse, seu David. Ele está é arruinando nossas economias, comprando caixas e mais caixas de velas todo santo dia e entupindo a despensa.

– Mas para quê tanta vela, Tereza? Se não é para revender, então o Martins pirou de vez!

– Pois é, Vidinha, desta vez o meu velho passou das contas e virou motivo de gozação pra toda a gente da cidade.

– Tereza, ó Tereza, cadê você, muié? Vem cá me ajudar.

Era Martins Bruzugu a gritar no portão. Foram os três ao seu encontro.

– Oi, gente! Vocês já chegaram? Que bom. E continuou a descarregar a Rural Willys, que estava com a carroceria abarrotada de caixas de velas.

Meia hora depois, Martins veio ao encontro de meus pais no jardim:

– E aquele motorzão, o Estrela, se comportou bem como sempre, David? Olha, Vidinha, a Tereza deixou um quarto bem arrumadinho pra vocês e agora tá lá na cozinha acabando de preparar o nosso almoço. Comprei um baita tracajá pra comemorar a chegada de vocês. Enquanto isso, vou colocando a conversa em dia aqui com meu velho amigo David, o rei de Boca do Acre.

E riu desbragadamente, como costumava fazer quando estava alegre.

– E aí, David? Você continua cada vez mais rico, não é?

– Vocês é que pensam. Eu mesmo não sei onde está todo esse dinheiro que todo mundo diz que eu tenho. Só sei que trabalho muito e tenho muitas despesas. As coisas não são tão fáceis como se pensa.

Era meu pai e seu velho discurso sobre como a vida é dura e que o dinheiro não cai do céu...

– Deixa disso, David! Você sempre escondendo o jogo, como um bom judeu...

E a política? Você tá pensando em sair candidato a prefeito de novo?

– Ainda estou avaliando, mas acho que não. Depois de toda aquela despesa de campanha da última eleição e toda aquela guerra política que foi... Não que eu tenha medo daqueles bandidos dos irmãos Correia, que aquele desgraçado do Adelino mandou pra me matar. Isso não! Que eu sou muito homem e sei bem me defender! É que é muita despesa e dor de cabeça. Vou seguir tocando meus negócios. Eles já me dão trabalho suficiente. Mas me conta de você. Que loucura é essa de comprar tanta vela, Martins?

– Ah, David! Estão dizendo que o

Voltou carregado de cimento para construir a "passarela da salvação".

mundo vai acabar em pouco tempo; e que primeiro vai haver uma grande escuridão e pronto! O fim de tudo! Como eu não quero morrer no escuro, resolvi me prevenir comprando velas... Só falta mandar benzer. Amanhã vou passar lá na igreja de novo e trazer o danado do padre nem que seja à força, que Deus e Nossa Senhora me perdoem por falar assim. E dizendo isso começou a se benzer.

– Deixa disso, homem, para de ser cagão! Você não vê que isso é história pra boi dormir; coisa de quem não tem o que fazer na vida...

– Eu sei que é verdade. Muita gente tá falando nisso. Gente séria, que sabe das coisas. Vem cá, deixa eu te mostrar outra coisa que vou fazer pra me prevenir.

Martins levou papai até o interior da casa e falou com riqueza de detalhes acerca da passarela de cimento que faria para acender sobre ela as velas, de forma que não viessem a queimar o piso e a casa, que eram de madeira.

– A passarela vai começar no meu quarto, passar pela sala até o portão. Assim estarei seguro.

O cozido de tracajá estava farto e saboroso. O jantar foi um leve lanche com quitutes locais: bolo de aipim, tapioca, suco de cupuaçu e frutas da região: pupunha, tucumã, manga, graviola.

Na manhã seguinte, quando papai e mamãe acordaram, Martins já havia saído na Rural. Voltou cerca de duas horas depois com o carro carregado de mais caixas de vela e agora também de sacos de cimento para construir a “passarela da salvação”, como ele mesmo cognominou o seu projeto de engenharia.

Mas as crônicas da época registram que o pobre Martins não conseguiu terminar sua grande obra. No terceiro dia de estadia de meus pais, os seus maiores temores tornaram-se realidade: ao fim da tarde, o céu azul de Rio Branco foi se tornando soturno e em minutos uma escuridão abismal tomou conta da cidade. O caboclo Martins Bruzugu, apossado pelo desespero, começou seu ritual de acendimento das velas. E de forma alucinada pôs-se de joelhos a rezar e a implorar pela sua salvação:

– Valei-me, minha Nossa Senhora da Misericórdia, é o fim do mundo mesmo! Salvai-me, ó Senhor!

Meu pai, sempre crente em seu Deus e descrente de todas aquelas histórias e temores sobre o fim do mundo, tentava em vão acalmar o amigo:

– Deixa disso, rapaz. Tereza, não tem nada aí na cozinha pra ele se acalmar?

Mas quem disse que ele se acalmava. Seguia acendendo velas e mais velas e a clamar aos céus por sua redenção.

– Mas Tereza, será que esse caboclo não vê que isso tudo é prenúncio de...

Papai não conseguiu completar a frase. Um temporal típico da floresta tropical desabou sobre eles. Momentos depois, assim como começara, a chuva parou – abruptamente – e um esplendoroso sol clareou o céu naquele fim de tarde.

– É, Martins, ainda não foi desta vez – ironizou meu pai.

– Mas foi por pouco... ■

Elias Salgado, professor, pesquisador e gestor cultural, é diretor do portal Amazônia Judaica.

Quem ele pensa que é?

Henrique Veltman / Especial para ASA

Lembro bem de dona Rachel tirando sarro de algum patrício metido a besta: quem ele pensa que é, o Graf Potocki ?

Eu levei muitos anos pra entender a expressão e o nome. Afinal de contas, quem era esse tal de Graf Potocki ?

Claro, um dia, finalmente, tropecei num texto, acho que do Jacó Guinsburg, no qual a expressão estava lá, com todos os efes e erres, tal qual minha mãe a pronunciava: “Quem ele pensa que é, o Graf Potocki” ?

Fui pesquisar e descobri a história dramática desse conde polonês, que se converteu ao judaísmo e pagou com a vida, numa fogueira, em Vilna, no século 18.

O Conde Valentine Potocki , essa lendária personagem da nobreza polonesa, renunciou ao catolicismo e se tornou um judeu religioso. De acordo com a nossa tradição, ele se tornou um sábio talmúdico, discípulo reconhecido e protegido pelo Gaon de Vilna, Eliyahu Ben Shlomo Zalman (1720-1797)).

Há muitas versões sobre a sua história.

Na Lituânia, Polônia e Rússia, ele era e é conhecido como o Ger Tzedek (prosélito perfeito). As fontes judaicas dizem que ele foi queimado vivo por ordem da Igreja Católica de Vilna em 24 de maio de 1749 (7 de Sivan de 5509).

Há registros de que o jovem Potocki e um amigo íntimo, Zaremba, deixaram a Polônia natal para estudar em Paris, onde conheceram um velho judeu de quem ganharam um grande número de textos hebraicos. Esse senhor seria Menahem Man ben Aryeh Löb de Visun, que seguiu Potocki no sacrifício. Ele foi torturado e executado em Vilna, aos 70 anos, um mês após a morte do conde.

Menahem foi o professor dos dois poloneses. Em seis meses eles adquiriram conhecimento da linguagem bíblica e se sentiram atraídos pelo judaísmo. Viajaram a Amsterdam, um dos poucos lugares na Europa em que um cristão podia livremente abandonar sua religião, e se converte-

ram ao judaísmo. Potocki assumiu o novo nome, Abraham ben Abraham.

Potocki foi viver por pouco tempo na Alemanha. Depois regressou à Polônia e foi curtir a sua nova existência judaica no povoado de Ilye, na Grande Vilna, onde sua origem cristã era desconhecida. Mas acabou sendo reconhecido pelas autoridades da Igreja, preso e condenado à morte.

Ao ser informado, o Gaon de Vilna mandou-lhe uma mensagem em que se oferecia para resgatá-lo fazendo uso de alguma magia cabalística, mas ele recusou, preferindo morrer *al kidush Hashem*. Abraham consultou o Gaon sobre qual oração ele deveria proferir momentos antes de entregar a alma a Deus. O Gaon teria respondido “...*M’Kadesh es Shimcha be’rabim*” (quem santifica Seu Nome em público) e enviado um *sheliach* para ouvir a reza e responder *amen*.

Consta que a família de Potocki, especialmente sua mãe, fez de tudo para recuperá-lo à fé cristã. Tudo inútil. O conde foi queimado vivo depois de um longo período na prisão, no segundo

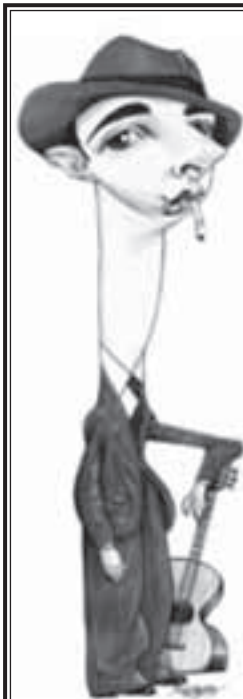
dia de Shavuot. Leiser Zhiskes, um judeu religioso, mas imberbe, conseguiu salvar algumas cinzas que depois foram sepultadas no cemitério judaico. Uma carta do rei polonês concedendo o perdão a Potocki chegou tarde demais para salvar a sua vida.

Mas a história também tem um final feliz: o amigo de Potocki, Zaremba, regressou à Polônia alguns anos antes de Potocki, casou-se com a filha de um grande nobre e teve um filho.

Ele manteve sua promessa de judeu-novo. Viajou com a família para Amsterdam, de onde, após a circuncisão de seu filho e a conversão da mulher, imigraram todos para a Palestina.

Ufa, essa é a história do Graf Potocki e da saga de Zaremba. Onde anda o Steven Spielberg que ainda não a colocou numa superprodução cinematográfica? ■

Henrique Veltman (*hbv@uol.com.br*), carioca, 74 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.



26 DE SETEMBRO, DOMINGO,
ÀS 18 HORAS, NO AUDITÓRIO
Centenário de nascimento
do Poeta da Vila

NOEL ROSA

Show com o Coral da ASA, o violonista Luiz Felipe Oiticica e a cantora Sheila Maria Paiva. Participação especial de Carlos Acselrad, no bandolim.

Ingressos a 10 reais (preço único)

O mais pernicioso

Guideon Levy, Haaretz

A semelhança é chocante: dois segmentos populacionais insulares e arrogantes, minorias poderosas com líderes autoritários, leis e normas próprias. Os colonos são cerca de 300 mil, sem contar os de Jerusalém Oriental, e os ultraortodoxos, em torno de 700 mil, incluindo colonos.

Na Israel de 2010, estes são os grupos mais ativos e determinados da complacência e sonolenta população judaica. Ambos causam prejuízos ao Estado e ambos custam a ele vastas quantias de dinheiro. E, reparem só, enquanto a campanha contra os *haredim* ganha impulso – uma campanha apenas em teoria, mas acompanhada de ódio e racismo –, a atitude em relação aos colonos flutua entre a apatia e a simpatia, e até mesmo a compaixão.

Compaixão? Membro do painel que investiga a maneira como Israel lidou com os colonos retirados durante a desocupação de Gaza, Iedidia Stern os descreveu como nada mais nada menos do que vítimas da “mais grave violação aos direitos humanos na história do Estado de Israel”. Não foram os pobres de Israel, não foram os imigrantes depositados nas cidades em desenvolvimento, não foram as crianças em situação de risco, não foram os filhos de trabalhadores imigrantes, nem os árabes expulsos em 1948 e 1967, e nem os palestinos sob ocupação, mas colonos retirados e que receberam compensação, de acordo com o notável código ético do professor Stern.

Diferentemente dos colonos, os *haredim* são um alvo fácil. Não há na sociedade secular israelense consenso maior do que o ódio a eles. Criticar os colonos é motivo de controvérsia, tem um preço e exige coragem. Políticos populistas constroem carreira difundindo ódio aos *haredim*, mas são os tribunais, mais do que os líderes do país, que estão liderando a mudança das normas em relação aos ultraortodoxos.

Sem terem feito qualquer tentativa de se aproximar deles, os tribunais ignoram uma lei atrás da outra. A Suprema

Corte determinou que as remunerações do Estado aos estudantes de *ieshivá* são injustas e que há um racismo intolerável em Immanuel; o Exército deseja recrutar outros milhares de estudantes de *ieshivá*. São decisões corretas e inevitáveis. Mas como fica esse outro grupo recalcitrante?

Racismo? Os colonos são mais racistas. Violência? Os colonos são muito mais violentos. Espalhafatoso desprezo pelas leis do país e manutenção de um sistema legal separado? Tanto mais entre os colonos. Orçamentos enormes? Os colonos nos custam mais, e os *haredim* são mais pobres. Danos à sociedade e ao Estado? Os causados pelos

Os *haredim* sangram o orçamento. E os colonos, não?

colonos são muito mais catastróficos.

O autoisolamento dos *haredim* dentro de seu próprio mundo às custas do Estado precisa de fato ser mudado, e as manifestações de racismo no meio deles devem ser erradicadas. Mas onde estão a opinião pública e o Estado com seus tribunais quando se trata dos colonos? Os *haredim* sangram o orçamento, conforme reclamamos frequentemente. E os colonos, não?

De acordo com o Paz Agora, os colonos nos custam 2 bilhões e 500 milhões de shekels ao ano. Para quê? Pelos esforços que fazem para frustrar todas as perspectivas de paz. Isso não é mais prejudicial do que um aluno de *ieshivá*? Não é mais perigoso do que um estudante da *Torá*?

Os *haredim ashquenazim* tratam os *mizrahim* de modo abominável. Isso é racismo. Mas, pelo menos, não é violento como o racismo dos colonos em relação aos palestinos. Os *haredim* põem suas mulheres na traseira dos ônibus; os colonos impedem os palestinos de usarem não só os ônibus, mas às vezes até toda a estrada. Os *haredim* põem obstáculos entre *ashquenazim* e *mizrahim* nas suas escolas; os colonos executam

uma limpeza étnica sob a égide do Estado, como a de 25 mil residentes de Hebron.

Então, quem é o verdadeiro racista? Comparados à juventude dos colonos, os garotos de *ieshivá* são modelos de moralidade. Mas quem são os criticados? Os *haredim*, claro. Quando é que os tribunais irão se manifestar contra o racismo dos colonos como fizeram contra o racismo *haredim*? Eles mesmos mantêm sistemas diferentes para punir judeus e árabes. Quando iremos ouvir críticas aos milhares de postos fictícios no serviço civil ocupados por colonos – um agente de segurança assalariado em cada casa pré-fabricada? – do mesmo jeito que ouvimos sobre os parasitas *haredim*? E o que dizer dos milhares de soldados que têm que dar proteção aos colonos, às estradas supérfluas que eles construíram para servi-los, à eletricidade e ao abastecimento de água destinados aos postos avançados ilegais? Tudo pago por nós, mais do que pagamos para que os *haredim* estudem a *Torá*.

Portanto, vamos falar claramente: isto se chama dois pesos e duas medidas.

Covardia também serve. ■

Tradução de S.M.G.

**ber
vel**

**Bervel
empreendimentos**

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Sequestro

Ao constatar que o sionismo sofreu transformações, especialmente ao longo da segunda metade do século 20, de um ideário de afirmação e emancipação da nacionalidade judaica (capaz de moldar judeus em israelenses) para um projeto expansionista e de ocupação, a professora Esther Kuperman, em seu artigo “Um sequestro” [ASA 125] revela um processo claramente dialético, em que um polo assume predominância sobre o outro, estabelecendo, em termos práticos, uma nova configuração histórica até que sobrevenha sua futura superação. Assim, passou hoje a prevalecer sobre o polo movimento de libertação aquele que se define pelo colonialismo, um elemento, aliás, desde sempre presente nas concepções majoritárias do sionismo, forjado na Europa do início do século 20, origem e época dos imperialismos.

Diante da crítica à expressão truculenta do sionismo atual, muitos na Diáspora simplesmente voltam as costas ou a ignoram, considerando as manifestações indignadas como mais uma faceta do velho antissemitismo, dos que querem historicamente a destruição do Estado de Israel ou dos “que sempre estiveram e estarão contra nós”. Tal política de avestruz, no entanto, não se apresenta como resposta adequada à crescente incapacidade de despertar empatia, ao isolamento e até mesmo à ameaça que paira sobre o judaísmo diaspórico, no qual respingam cada vez mais as fervuras do Oriente Médio.

Pelo contrário, se veem ressurgir, inclusive no seio das esquerdas, argumentos que facilmente resvalam do antissionismo para o antissemitismo, como o domínio da mídia e das finanças internacionais pelos judeus sionistas, capazes de manter e instrumentalizar a seu favor, por exemplo, o inabalável apoio dos Estados Unidos, o grande interventor na vida dos povos, a Israel. A colaboração, com as autoridades nazistas, de lideranças pró-sionistas de comunidades judaicas, acuadas ou forçadas, no esquema de transferência de fundos de judeus alemães para a Palestina, com a contrapartida de compra de produtos da Alemanha, ou na constituição das odiadas polícias judaicas dos guetos durante a guerra é apresentada, sem muita sutileza, como uma similitude de

métodos e práticas capazes de explicar o que se passa na Palestina de hoje. Nazismo e sionismo teriam, assim, bebido em fontes senão idênticas, próximas.

Há os que se encantam com as atitudes do Neturei Karta – o agrupamento de judeus ortodoxos que nega o Estado de Israel devido à sua origem não divina –, sem se dar conta, em sua ignorância, de que estão apoiando o que há de mais reacionário e minoritário dentre as tantas vertentes do judaísmo. No mundo contemporâneo da multiplicidade acelerada de informações, a falta de gestos e mudanças substanciais de política facilita a gestação de concepções superficiais, equivocadas ou pessimistas quanto à possibilidade de se desfazer o que a autora denomina o sequestro do sionismo humanista.

Enfim, o quadro que se apresenta sugere que “ser amigo de Israel” é uma condição que mudou de patamar, ou, em suas palavras, se transformou, sob pena de se perderem os muitos corações e mentes que, na história recente, deram forma a uma postura de admiração e solidariedade. Mas essa é, ainda, a grande dificuldade: rever o apoio acríptico e incondicional das comunidades da Diáspora a todo e qualquer ato do governo israelense e criar mecanismos e canais para que esse novo status de “amigo” tenha algum tipo de influência nos rumos da paz no Oriente Médio. Repensar o sionismo significa, portanto, repensar também o papel dessas comunidades e seu modo de interagir com os nossos correligionários daquele pequeno país.

Renato Mayer, Rio de Janeiro, RJ

Morte e vida

Recibo y conservo en mi biblioteca familiar, que ya ha desbordado más de una habitación de mi domicilio, la colección completa de **ASA**.

El último N° 125 me produjo gozos, alegrías y tristezas...

Por la contratapa, vine a enterarme del fallecimiento de Horácio Itkis Schechter. Triste sorpresa para mí.

Horácio era tan vital, tan humano, tan sensible y tan buen amigo que cada vez que tuvo ocasión de venir a Montevideo procuraba el encuentro personal conmigo y en cada visita que solía yo realizar a Rio

de Janeiro, nunca dejó de recibirme en su hogar.

Horácio Schechter, como sus padres Hersz y Felicia, a los que siempre recuerdo con cariño pues trabajé varios años con ellos en la Redacción del Diario idish progresista de Montevideo *Unzer Frait*, había heredado de sus padres el amor a la justicia, a la cultura progresista, el amor a la paz, a la amistad entre todos los pueblos y todas las naciones y no disimulaba su cariño por su Brasil y por nuestro Uruguay donde había residido temporariamente de niño.

Aún conservo los libros que sus padres me dejaron como herencia, cuando retornaron a Brasil finalizados los años de la oscura dictadura militar brasileña.

Horacio, las personas como tú, como tus padres, no mueren nunca...pues vivieron la vida de tal suerte, que vivos quedan aún, en la muerte...

Sólo un reproche: ¿Por qué razón, en medio de tus preocupaciones, olvidaste que, para vivir, también hay que respirar...?

La vida y la muerte, la muerte y la vida, son mellizas inseparables...Este último número de **ASA** me trajo el gozo de saber que, mi queridísimo amigo Luiz Mendel Goldberg, cumplió noventa años de edad que, en realidad, son noventa años de provechosa vida...

Mi amistad con Luiz y con Hilda arrancó desde el mes de julio del año 1960. Los conocí en una visita que ellos realizaron junto con otro inolvidable, Samuel Safkier y señora, a la Redacción de *Unzer Frait*, donde yo, no obstante mi juventud, era en ese momento el responsable de la edición del diario en idish de ese día, y debí recibirlos y atenderlos.

¿Qué puedo yo, desde Montevideo, agregar a cuánto ha hecho Luiz, junto a Hilda, por las instituciones progresistas judías en Rio y en Brasil, que los cariocas no sepan? Uds., como yo, hemos conocido de primera mano su obra y vida comunitaria.

Desde Montevideo, levanto una copa y brindo, junto a todos los que lo queremos, por el comienzo de una nueva etapa productiva en su vida y por su salud, y por el gozo de la vida junto a su esposa Hilda, y a su hija Anette. Lejaim!!!

Isac Gliksberg, Montevideú, Uruguay

NOTAS

Encontro Coral

Incorporado ao calendário anual da **ASA**, o **Encontro Coral**, em sua 15ª edição, homenageou a memória de Horácio Schechter, nosso diretor recentemente falecido. No dia 4 de julho, apresentaram-se o **Coral da ASA** (regente Cláudia Alvarenga), o **Coral Juvenil do Centro Educacional de Niterói** (regente Luiz Carlos Peçanha), o **Coral Ahavá/ARI** (regente Regina Lacerda), que contou com a participação do hazan Oren Boljover, e o **Coro da Ladeira** (regente André Protasio). No dia 18 de julho, passaram pelo nosso palco o **Coro do Conservatório de Música de Niterói** (regente Lincoln Castro), o **Coral Avareté** (regente Joaquim Assis), o **Coral Kol Haneshamá** (regente David Alhadeff) e o **Coral da ASA**.

Fotos Sara M. Gruman



Coral Kol Haneshamá



Coral da ASA



Coral Ahavá/ARI



Coral Avareté



Coro do Conservatório de Música de Niterói



Coral Juvenil do Centro Educacional de Niterói



Coro da Ladeira

Muitos anos de vida

Com música de alta qualidade, a **ASA** comemorou seu 46º aniversário, no dia 22 de agosto. O presidente, **Mauro Band**, saudou o público e homenageou pessoas que, por seu trabalho, ajudaram e ajudam a construir a casa do judaísmo progressista: **Luiz Mendel Goldberg** (sócio número um e primeiro presidente da **ASA**), **Sara Markus Gruman** (editora do Boletim **ASA**) e **João Sena de São João** (funcionário há quarenta anos). Em seguida, o **Coral da ASA** deu uma “canja”, saudando a **Camerata de Violões da UFRJ**, que encantou o público com um repertório de compositores brasileiros contemporâneos. Lanche, bolo e muito papo encerraram o programa.

Fotos Sara M. Gruman



Parte do público confraternizando



Camerata de Violões da UFRJ



Coral da ASA



A diretora Fany Haus corta a primeira fatia



João Sena recebeu o diploma das mãos da ex-presidente Clara Zylbersztajn



A diretora Rosa Goldfarb entrega o diploma a Sara M. Gruman

Foto Citel Bucareiky

Literatura

Com o patrocínio da **ASA** e da **loja Herut da B'nai Brith**, realizou-se, no domingo 29 de agosto, a Noite dos Escritores. Em clima descontraído na sala de vídeo, **Esther Largman**, **Adriana Armony** e **Paulo Geiger**, mediados por **Edgar Leite Castro**, falaram sobre literatura, processo criativo e relação com os leitores.



Fani Levin, Jayme Gudel, Edgar Leite, Esther Largman, Adriana Armony, Paulo Geiger e Mauro Band

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001